

بسم الله الرحمن الرحيم

O Norte e o Sul: A Jihad e a Cruzada  
à *sombra* da Controvérsia de Sião

Rolando Melo  
Mértola, 1431 AH

Num contexto de reflexão sobre o antinómico par Norte/Sul Jihad/Cruzada intentando produzir uma ficha de leitura minimamente pontuada da seminal obra de Douglas Reed “The Controversy of Zion”, cedo me deparei com o carácter intrincado e nem sempre evidente – aliás, frequentemente “ocultado” - do Sionismo como ideologia de referência; ademais e inevitavelmente entendendo a análise temática dos presentes postulados que, quer em termos apologéticos (veja-se todo o aparato nominalmente Cristão reunido em torno de tal agregador), quer em termos adversativos (objecto de combate de uma boa parte dos esforços indexáveis à Jihad como militância Muçulmana), a destacam e relevam sobremaneira, temos que, longe de resolvida, a controvérsia de Sião segue fazendo correr tinta – sobre sangue<sup>1</sup>.

Da (exangue? enxuta?) ocidental praia lusitana uma análise comparada da produção mediática e dos discursos veiculados acerca da problemática em questão remete-nos directamente para a tensão contida no parêntesis acima enunciador de uma dualidade quase-existencial, que a discussão das fundações identitárias e da própria história do território concilia mal. Com efeito, tanto a relação do Reino como a relação da República com a controvérsia de Sião são de Portugal do exaurido tecido da História, cada vez mais subsumido em NortAtlântico\$ e Euro-alinhamentos. Invariavelmente, a religação contextual é descurada em função de uma postura de pretensa objectividade informativa e informada, em que “o mundo” e a “política internacional” são vertidos e o critério uniformizado da meia dúzia de agências da praxe globalizada cumpre tranquilamente seu determinado propósito<sup>2</sup>. Em conformidade e apesar dos apesares, resulta claro o alinhamento Europeu, que “nós”, por cá, praticamente abdicámos de problematizar em nome próprio a densidade relacional com o outro de nominal expressão Sionista, assumindo também e quanto à Jihad os rótulos de serviço do Euro-directório que “integramos”, não obstante os mais ou menos incipientes exercícios

---

<sup>1</sup> <http://www.wakeupproject.com/VList.asp?Series=29&Video=157>

<sup>2</sup> <http://antandalusufi.blogspot.com/2007/01/espanha-e-hora-rabe.html>

académicos e museológicos de afirmação de uma alteridade, sempre empalidecendo, de resto, face à especialização secularista.

Da leitura d’*A Controvérsia de Sião* – que segue, com as demais obras de Douglas Reed, por editar em Portugal – interessaria, pois, destacar a possibilidade de estabelecer a modos que um balanço reflexivo do que vem sendo a postura académica e diplomática Portuguesa no que concerne à questão de “Israel” e da Palestina, embora tal esteja, por questões logísticas, fora do âmbito do presente trabalho, que se cingirá sobretudo ao veicular das linhas mestras do argumentário da obra em apreço, qual resumo estendido bibliograficamente quanto às citações bíblicas e entrecruzado com uma ou outra nota de um rodapé contemporâneo.

Das tensões internas do Judaísmo pré e pós-Babilónia, da contenta de fundo entre Israel e Judeia, do confronto operatório entre Profecia e Política, temos, agora, bem mais elementos para ler e relacionar sobre do que o autor dispunha à altura da escrita e da edição da obra em análise, embora os contornos do “Governo do Mundo baseado em Jerusalém” sigam, para muitos, pertencendo ao domínio de inconsequentes e “conspiratórias” considerações. Os sinais dos tempos<sup>3</sup>, do reconhecimento do estado de Israel pelos EUA 11 min<sup>4</sup>. após a declaração ao “11 de

---

<sup>3</sup> <http://www.sott.net/articles/show/206160-Connecting-the-Dots-Zionist-Melodrama-Domestic-Terrorism-Papal-Bull>

<sup>4</sup> The President sought refuge in retreat: "As the pressure mounted, I found it necessary to give instructions that I did not want to be approached by any more spokesmen for the extreme Zionist cause. I was even so disturbed that I put off seeing Dr. Weizmann, who had returned to the United States and had asked for an interview with me". Mr. Truman, in 1956, evidently still held the postponement of an interview with Dr. Weizmann to have been so drastic a measure as to deserve permanent record. He was then visited (March 13, 1948) by an old Jewish business associate "who was deeply moved by the sufferings of the Jewish people abroad" (this was less than a month before the massacre at Deir Yasin) and who implored him to receive Dr. Weizmann, which President Truman at once did (March 18).

This was the day before American support was withdrawn from the partition recommendation (March 19). Mr. Truman says that when Dr. Weizmann left him (on March 18) "I felt he had reached a full understanding of my policy and that I knew what it was he wanted". Mr. Truman then passes over the bloody weeks that followed without a word (he does not mention Deir Yasin), except for an incidental statement that "the Department of State's specialists on the Near East were, almost without exception, unfriendly to the idea of a Jewish state. . . I am sorry to say that there were some among

Setembro" ("9/11") de 2001 (exactamente 11 anos depois do anúncio por George H. W. Bush, em sede das "Nações Unidas", da Guerra do Golfo como uma oportunidade de fazer emergir uma "nova ordem mundial"<sup>5</sup>), respeitam a um designado projecto que segue ganhando terreno, apesar dos notáveis e resilientes focos de Resistência organizada, que na cronologia em curso souberam já inscrever importantes vitórias, 2006 sendo o relevante ano da última delas e cumprindo-se agora (25/5/2010) dez anos sobre a primeira libertação no confronto localizado(r)<sup>6</sup>.

Porque o estado de "Israel" é o "Sionismo na prática" (Franck e Herszlikowicz:87) e a realização da "nova ordem mundial" se centra em Jerusalém, qualquer esforço de escrutínio actualizador quanto à "Controvérsia de Sião" deve apostar numa análise dos eventos decorrentes do "estado Judeu" (não raras vezes cinicamente apodado de "única democracia do Médio Oriente"), da visceral obsessão demográfica (v. Cook 2006:104-106) ao "silêncio social"<sup>7</sup> sobre o qual os "líderes" arqueologicamente<sup>8</sup> preparam a restauração do Templo e militarmente exercitam ("Ponto de Viragem 4") próximos capítulos – enquanto, como sempre, alegam o contrário<sup>9</sup>.

---

them who were also inclined to be anti-Semitic". He resumes his narrative two months later (May 14, after Deir Yasin and the accompanying bloodshed) then saying, "Partition was not taking place in exactly the peaceful manner I had hoped, but the fact was that the Jews were controlling the area in which their people lived. . . Now that the Jews were ready to proclaim the State of Israel I decided to move at once and give American recognition to the new nation. About thirty minutes later, exactly eleven minutes after Israel had been proclaimed a state, Charlie Ross, my press secretary, handed the press the announcement of the de facto recognition by the United States of the provisional government of Israel. I was told that to some of the career men of the State Department this announcement came as a surprise". (Reed:452)

<sup>5</sup> "The crisis in the Persian Gulf offers a rare opportunity to move toward an historic period of cooperation. Out of these troubled times... a new world order can emerge in which the nations of the world, east and west, north and south, can prosper and live in harmony.... Today the new world is struggling to be born." (citação patente em [http://www.constitution.org/col/cuddy\\_nwo.htm](http://www.constitution.org/col/cuddy_nwo.htm))

<sup>6</sup> <http://ignotoego.blogspot.com/2006/08/onde-h-opresso-h-resistencia.html>

<sup>7</sup> <http://www.haaretz.com/print-edition/opinion/israelis-ideal-state-a-country-without-criticism-1.291622>

<sup>8</sup> <http://www.turkishweekly.net/news/100984/arab-archeologists-call-on-un-to-protect-al-aqsa.html>

<sup>9</sup> <http://www.jpost.com/Israel/Article.aspx?id=176222>

## A Controvérsia de Sião<sup>10</sup>

### Origens

Segundo Douglas Reed, 458 d. C. é a data em que “a pequena tribo Palestiniana de Judá” produz um credo racial e estabelece a teoria da raça-mestra como “a Lei” (Reed:1), contrapondo-se a uma tradição anterior que sustentava ser Moisés um grande líder tribal que ouviu a voz do Deus único e que surgiu num tempo em que a ideia de religião se estava movendo pela primeira vez nas mentes do Homem. (Reed:2,3)

Alegando ter sido a história de Moisés e a sarça ardente tomada de uma lenda muito anterior de um rei da Babilónia que viveu entre mil a dois mil anos antes, Reed afirma que Moisés não pode ter liderado nenhum êxodo em massa do Egipto para Canã (Palestina), mais denotando que os Habiru (Hebreus) estavam já estabelecidos em Canã, não traduzindo seu nome (que significa “nómadas”) qualquer identidade racial ou tribal. (Reed:3,4)

Traçando uma espécie de genealogia da tribo de Judá, Reed sublinha que, muitos séculos depois de qualquer período possível em que Moisés possa ter vivido, em Canã, a tribo nómada Habiru, suplantando os nativos Canaanitas, originou uma tribo chamada Ben Yisrael - os Filhos de Israel<sup>11</sup> - que se fragmentou em várias tribos, o essencial das quais, os Israelitas, ocupou o norte de Canã, sendo que, no sul, isolada e rodeada de povos Canaanitas, a tribo de Judá tomou forma; apesar das Escrituras Levíticas a incluírem nas tribos de Israel, prossegue o autor, a Enciclopédia Judaica diz que Judá era “provavelmente uma tribo não-Israelita”, pelo que “o período mitológico ou lendário” de Moisés foi seguido por um período em Canã durante o qual “Israel”, a confederação

---

<sup>10</sup> «Ao escrever este livro fui essencialmente impelido pela esperança de dar ao leitor tardio, num tempo que espero racional, alguma ideia da extraordinária condição das impressões públicas nos anos 50. Será certamente incapaz de compreender o que aconteceu, a não ser que esteja ao corrente deste regime de desinformação sustentada e do que comportou.» (Reed:552)

<sup>11</sup> Judá vendeu seu irmão José, o mais amado filho de Jacó-chamado-Israel aos Ismaelitas por vinte moedas de prata [como Judas, o único Judeu (Judean) entre os discípulos, traiu Jesus muito mais tarde por trinta moedas de prata] e então formou sua tribo incestuosamente (Génesis 37-8).

nortenha de dez tribos, foi a entidade coesa e reconhecível, Judá (à qual a pequeníssima tribo de Benjamim se associou) sendo um pequeno feudo (chiefdom) no sul. (Reed:5,6) Após uma curta associação entre Israel e Judá, com o termo do reinado de Salomão, filho de David (de Judá), em 937 a.C., os Judeus (Judahites) a sul entenderam-se destinados a desenvolver-se como uma raça à parte, demandando uma ordem existencial fundamentalmente diferente; nos duzentos anos subsequentes de existência separada, amiúde as vozes dos “profetas” Hebreus acusaram os Levitas e o credo que estavam construindo, apelidando o autor os Israelitas de “protestantes no seu tempo”<sup>12</sup> (Reed:7-9), movidos essencialmente contra reivindicações do priorado Levita como a reclamação do primogénito (Êxodo<sup>13</sup>) e a insistência em rituais de sacrifício.

Face à sobrevivência destes protestos à compilação do Antigo Testamento que os Levitas, supremos em Judá, operaram, Reed avança a possibilidade de, entre os escribas tardios que compilaram a narrativa histórica muito depois do termo de Israel, haver alguns aparentados Israelitas, explicando o facto de passagens benevolentes serem com frequência seguidas de passagens fanáticas, atribuídas ao mesmo homem, com o tratar-se de interpolações posteriores destinadas a alinhar os heréticos com o dogma Levítico. (Reed:9)

Considerando que em 721 a.C. Israel foi atacada e conquistada pela Assíria e os Israelitas foram levados como cativos, por esta altura os “filhos de Israel” desaparecem da história. Porém, nem os Levitas de antanho nem os Sionistas hoje acreditam que os Israelitas tenham desaparecido sem deixar traços, antes tendo sido pronunciados “mortos”, excomungados, o verdadeiro significado da asserção que Israel “desapareceu” encontrando-se no posterior Talmude: “As dez tribos não têm lugar no mundo que há-de vir”. (Reed:10,11)

---

<sup>12</sup> A título de exemplo, refere o autor Elias, Eliseu, Amos, Oseia e Miqueias.

<sup>13</sup> 34:19

## A Segunda Lei como programa político Levítico

Escrutinando a constituição legal Levítica, aponta o autor para 621 a.C. como a data de formação do Deuteronómio, a “Lei Mosaica”, atribuída a Moisés mas da autoria dos Levitas, dele dizendo estar para o Judaísmo e para o Sionismo formal como o Manifesto Comunista para “a revolução destrutiva do nosso tempo”. (Reed:13)

O Deuteronómio é, de acordo com Reed e acima de tudo, um programa político completo que aos fiéis oferece recompensas exclusivamente materiais e que exige como única condição a observância de “estatutos e julgamentos” que primeiramente ordenam a destruição dos outros, a propósito directamente relacionando o massacre de Deir Yasin em 1948 com o capítulo 7 da “Segunda Lei”<sup>14</sup> (Reed:15,16) e mais adiantando haverem sido a dinamitação de catedrais Russas, a abertura de “museus anti-Deus”, a canonização de Judas e outros actos dos primeiros governos Bolcheviques, que afirma constituídos por Judeus Orientais a 90%, considerando tais actos evidentes exemplos de “observância” Deuteronómica.<sup>15</sup> (Reed:17)

Por sua vez, o Judaísmo literal é ultimamente baseado no terror e no medo, a lista de maldições patente no capítulo 28 do Deuteronómio evidenciando a importância que o clero dava à prática de maldizer (cursing), as maldições sendo o castigo pela não-observância, não para transgressões morais. (Reed:19)

Quer o Judeu mais nacionalista quer o Judeu mais iluminado não podem senão considerar o mundo a não ser de um ângulo Judaico, desse ângulo parecendo insignificante “o estranho”, este sendo, para o autor, o legado de vinte e cinco séculos

---

<sup>14</sup> V. também Dt. 20:16 (Reed:18)

<sup>15</sup> Certos feitos simbólicos foram evidentemente performatizados no sentido de estabelecer a autoria ou a natureza da vingança. Estes actos simbólicos reproduziram, cerca de trinta anos depois, actos similares cometidos durante a revolução na Rússia: a alusão Talmúdica deixada na parede da câmara da morte dos Romanovs e a canonização de Judas Iscariote. Depois da Segunda Guerra Mundial os líderes Nazis foram enforcados no Dia do Julgamento Judaico em 1946, pelo que a sua execução foi apresentada aos Judeus (Jewry) na forma da vingança de Mordecai sobre Haman e seus filhos. Na vila Bavária de Oberammergau, onde a mundialmente famosa reconstituição da Paixão foi performatizada durante três séculos, os principais intérpretes foram presentes a julgamento por “actividades Nazis” perante um tribunal Comunista, tendo aqueles que representaram Jesus e os apóstolos sido declarados culpados, o único intérprete perdoado havendo sido o que representou o papel de Judas. (Reed:396)

de pensamento Judaico e o *standard* de julgamento que, projectado na vida de outros povos e aplicado a todos os eventos maiores do Ocidente, confere ao século XX o título de século da falácia Levítica – definido/definível como um combate entre a Lei Mosaica e o Novo Testamento. (Reed:20,21)

Dt. 28:65 e 30:7 vs. Dt. 64:28 – «O Deuteronómio usa esta Duplafala (Doublespeak) amiúde: o Senhor desaloja o povo especial e situa-o entre os gentios pelas suas transgressões; os gentios, que não têm culpa quer do exílio quer das transgressões em questão, são os seus “perseguidores”; ergo, os gentios serão destruídos.» (Reed:20)

Em 596 a.C., cerca de vinte anos após a leitura do Deuteronómio em Jerusalém, Judá é conquistada pelo rei Babilónio. Paradoxalmente ou não, a Lei torna-se mais forte na Babilónia, onde pela primeira vez um rei estrangeiro lhe garante protecção e é projectado o permanente estado-entre-estados e ganha experiência inicial na usurpação de poder. (Reed:22)

De acordo com Reed, o que realmente aconteceu na Babilónia parece ter sido bastante distinto da imagem de uma captura massiva, seguida de um regresso em massa, pois que o essencial da população Judaica estava já auto-distribuído pelo mundo conhecido, em torno do Mediterrâneo, em Jerusalém estando apenas um núcleo composto pelos mais zelosos devotos do culto do Templo. (Reed:23) Citando Josef Kastein, mais adianta Reed que, na Babilónia, os Judeus usufruíam de total liberdade de residência, culto, ocupação e auto-administração, voluntariamente empreendida a primeira experiência em auto-segregação. (Reed:24)

Após citar Jeremias (8:8) como evidente referência ao processo de revisão Levítica<sup>16</sup> e atribuição de inumeráveis novos estatutos e julgamentos a Jeová e a Moisés,

---

<sup>16</sup> “A autoria Levítica da Tora é de novo indicada pelo facto de mais de metade dos cinco livros constar de instruções minuciosas, atribuídas directamente ao Senhor, sobre a construção e a envolvente de altares e tabernáculos, o corte e o desenho e vestes, mitras e cintos, o tipo de correntes de ouro e pedras preciosas que o sacerdote deve conter, bem como o número e o tipo de bestas a ser sacrificado por várias transgressões, os usos de seu sangue e o pagamento de tributos...” (Reed:27)



Reed afiança que o que quer que tenha sobrevivido da anterior tradição Israelita está no Génesis e no Êxodo, sugerindo que, provavelmente, esta tradição era demasiado bem conhecida para ser meramente expurgada, pelo que teve que permanecer, sendo cancelada por incidentes e emendas alegóricas, como quanto à questão sacrificial, em que é empreendida a “engenhosa ligação” “homem-besta” do crédito dos primogénitos, no sentido em que, extinto o sacrifício humano, o sangue do animal no cerimonial representa simbolicamente para a congregação o de seus filhos. (Reed:26,27)

Listando uma séria de exemplos do extremismo Levítico “contra o qual falaram os profetas de Israel”, destaca o autor os episódios do “bezerro de ouro” (Ex. 32), da rebelião de Coré (Nm. 16) e da punição de Nadab e Abiú por não-observância, no caso, quanto ao tipo de fogo/incenso (Lev. 10) (Reed:28,29), adiante enunciando passagens (Lev 19:34 vs. Lev. 25:44-46; Dt 22:25 vs. Lev. 19:22-24; Jm. 29:7 vs. Sl. 137:8-9) de sentido contrário como prova da tese já mencionada da corrupção das Escrituras por parte do clero Levítico, em suma apontando para o confronto Nm. 25 e 31 vs. Ex. 2, 3 e 18 como emblemático aviso do significado da perversão “Jeovaística”<sup>17</sup>. (cf. Reed:30-34)

Com efeito, Reed encontra um paralelismo entre Jeremias e o Segundo Isaías - que, como os antigos Israelitas, falaram para a humanidade - e Buda em sua contenda face ao Bramanismo e ao racismo Hindu (Reed:35), estendendo ainda em termos de padrão comparativo a guerra Babilónia-Pérsia nomeada no Antigo Testamento às 1ª e 2ª Guerras Mundiais, atendendo aos papéis desempenhados respectivamente por Daniel e por Chaim Weizmann, a propósito referindo que os captores Judeus que mataram o Czar Russo e sua família no fim da primeira guerra do século XX citaram, precisamente, o precedente profético (a morte do rei Baltazar profetizada por Daniel) e que no final da 2ª Guerra Mundial os líderes Nazis foram enforcados no Yom Kippur<sup>18</sup>. (Reed:36)

---

<sup>17</sup> Entretanto, no que qualifica como “uma movimentação política de génio”, Reed assevera que, no último dos cinco livros produzidos – Números (3:39-48) – os Levitas se livram da sua grande prerrogativa (a reclamação do primogénito), não deixando porém de perpetuar “a Lei”, uma vez que, por intermédio de mais uma reinterpretação da mesma, se tornam a si mesmos representantes dos primogénitos, garantindo a permanente gratidão do povo sem qualquer risco. (Reed:30)

“Que importa se Daniel e o Rei Baltazar nunca existiram: pela sua inclusão nas escrituras Levíticas esta anedota ganhou o estatuto de precedente legal” (Reed:38)

Decididamente, Reed refere que o rei Persa [Ciro] foi o primeiro de uma longa linha de oráculos Gentios trabalhados pela seita dominante, que através dele demonstrou ter encontrado o segredo de infestar e dirigir as acções de governos estrangeiros, sob outro rei Persa – 458 a.C. - tomando a controvérsia de Sião a forma em que hoje ainda confronta seu próprio povo e o resto da humanidade. (Reed:39)

Tornando a citar Josef Kastein, Reed afirma que no “regresso” a Jerusalém, gueto e sinagoga se constituíram como os principais métodos de segregação - “em vez da constituição do estado defunto, foi estabelecida a autonomia comunal e em vez do poder do estado...o inexorável regime materializado pela obrigação de prestar incondicional obediência às regulações do ritual” – conferindo a Ezequiel 20 “a chave para todo o mistério da Lei Mosaica” (Reed:42) e comparando a chegada de Esdras (vindo da Babilónia com 1500 seguidores em nome do Rei Persa Artaxerxes, com soldados Persas e ouro Persa) a Jerusalém à chegada do Dr. Chaim Weizmann à Palestina em 1917. (Reed:45)

À semelhança de Esdras, Reed identifica ainda Neemias (445 a.C.) como portador da nova lei de Ezequiel - todos os casamentos mistos deviam ser dissolvidos<sup>18</sup>; tudo o que era estrangeiro devia ser excluído – singularizando o paradoxo das cadeias Persas para a idealização Levítica: “a perversão da tradição Israelita anterior completou-se e a afirmação de Deus foi suplantada pela negação de Deus.” (Reed:47)

Considerando por sua vez a tradução da Lei – Alexandria, 275-150 a.C. – como instância para novas distorções e substituições (referindo a título exemplar Dt. 32:21) (Reed:49) e brevemente se debruçando ante a contenda particular entre Fariseus e

---

<sup>18</sup> Reed aponta, a título referencial e para o primeiro evento, o verso 30 do capítulo 5 de Daniel, sendo que para o segundo evento nos remete para os versos 6 e 10 do capítulo 7 e 13 e 14 do capítulo 9 de Ester. (Reed:109)

<sup>19</sup> Neemias 13:27 contra os casamentos mistos - “lei do estado Sionista hoje” (Reed:46)

Saduceus (Reed:55), o autor estabelece o Galileu<sup>20</sup> Jesus como o maior dos adversários dos Fariseus (Reed:59-68), ademais afirmando o Talmude como extensão anti-Cristã da Tora. (Reed:72)

Entretanto, o Islão e o Profeta Muhammad são pela primeira vez referidos no contexto desta obra, frisando o autor a reverência dedicada a Jesus e a sua mãe por contraponto à profanação que destes faz a literatura Talmúdica e citando o Alcorão para evidenciar a consideração dos Judeus pelo Profeta enquanto uma força destrutiva e auto-dedicada. (Reed:74)

Retomando o inventário das fases da história de Sião primordialmente nomeado na página 56 [Levitas (Babilónia) – Fariseus (Jerusalém) – Talmudistas (Espanha) – Rabbis (Rússia) – Sionistas (estabelecimento e manutenção do estado de “Israel”)] e das quais, até ao momento, o autor tratou tão só das primeiras duas, com um ou outro interlúdio pelo meio, Reed refere que, aquando da quarta (denominando o séc. XIX o “século da emancipação”), o perigo da “assimilação” foi sustido pelo “poder místico do nacionalismo”, salientando que, à altura da composição do livro em apreço, a quinta fase evidencia, com assinalável presciência, que “quarenta anos de derramamento de sangue na Palestina não são senão o prelúdio do que aí vem”, concluindo que qualquer terceira guerra mundial revolverá, sem dúvida, na ambição de Sião. (Reed:78)

### O Governo Móvel

No capítulo 14, intitulado “O Governo Móvel”, regista o autor que o Velho Sinédrio se realocaliza em Jâmnia antes da destruição do templo em 70 AD, continuando os escribas a revelação da mente de Jeová e a interpretação da Lei, tão frequentemente dita na sua forma última (Reed:80); apontando o período de governo de Jâmnia como de sensivelmente um século, Reed afirma que entretanto o Sinédrio foi transferido para Usha, na Galileia e, com a conversão de Constantino ao Cristianismo, em 320 AD, “o

---

<sup>20</sup> Salientando[-se] o carácter falacioso da sua creditação Judaica como considerando contemporâneo..

centro” foi de novo movido para a Babilónia, o governo Talmúdico estabelecido em Sura e academias sendo estabelecidas em Pumbedita. (Reed:81)

Com as conquistas Islâmicas, o governo Talmúdico transferiu-se da Babilónia para Espanha, estabelecendo-se a academia Talmúdica em Córdoba; os Mouros, como antes a Babilónia e a Pérsia, mostraram assinalável benevolência face a esta força em seu seio. Com o termo da reconquista de Espanha, em 1492, o “centro” do governo Talmúdico foi transferido para a Polónia. (Reed:82,83)

De acordo com Josef Kastein, novamente citado, no século XVI “uma população Judaica de milhões passou a existir” na Polónia, algo que explica como essencialmente fruto da emigração de França, da Alemanha e da Boémia, mas que se deveu, na verdade, aos Khazars, que foram o único caso de conversão em larga escala de um povo diverso ao Judaísmo, conversão esta que ocorreu no século VII. (Reed:84)

Com a partição da Polónia em 1772, o “centro” do governo Judaico desaparece da vista, assumindo uma organização secreta internacional, cuja existência só se torna clara quando a revolução Russa de 1917 produz um governo quase integralmente Judaico. (Reed:85,86)

### O anti-Cristianismo Talmúdico

Reed afirma que a cópia da Bíblia Cristã que possui afirma que “as igrejas de todas as denominações recebem e aceitam” o Antigo Testamento “como inspirado por Deus, pelo que um guia Divino de fé e prática”, algo estabelecido no Concílio de Trento. Assim, questiona: em que medida a inspiração do Talmude difere da inspiração da Tora? Se não difere, porque não adicionar o Talmude anti-Cristão à Bíblia Cristã? (Reed:88)

O Talmude, prossegue, representa sobretudo resposta hostil à Cristandade (Reed:89) e refere Jesus como “tolo”, “feiticeiro”, “profano”, “idólatra”, “cão” e “filho da luxúria”, evidenciado o efeito de tal ensinamento no livro do Judeu Espanhol Moisés de Leão, republicado em 1880, que fala de Jesus como um “cão morto” “enterrado numa estrumeira”. Os textos Hebraicos originais destas alusões Talmúdicas aparecem

em *Jesus Christus im Talmud* de Laible, que sustenta que “o ódio a Jesus dos Judeus é um facto firmemente estabelecido”. Citando P. L. B. Drach, “treinado numa escola Talmúdica e posteriormente convertido ao Cristianismo”, eis um édito do Sínodo Judaico que se reuniu na Polónia em 1631:

“Eis por que vos recomendamos, sob pena de excomunhão, não imprimir nas futuras edições nada da Mishna ou da Gemara que se relacione quer por bem quer por mal a Jesus o Nazareno, antes o substituindo por um círculo, que avisará rabbis e mestres a só ensinar de viva voz estas passagens aos jovens. Por intermédio desta precaução os selvagens de entre os Nazarenos não terão mais pretextos para nos atacarem nesta matéria.” (Reed:90)

### O gueto voluntário

O gueto não foi algo infligido aos Judeus pelos Gentios, mas o produto lógico da Lei Talmúdica, directamente derivado da experiência na Babilónia, a sugestão moderna que o gueto significava inferioridade sendo parte da lenda de “perseguição”, essencialmente agitada para intimidar os Judeus, para que sempre temam aventurar-se fora do seu domínio, neles intentando o mito de hoje do “anti-semitismo” produzir o mesmo efeito. A título exemplar, já em 1412, a pedido Judaico, legislação sobre o gueto foi estabelecida em Portugal, sendo que o estabelecimento de muros nos guetos de Verona e Mântua foi durante séculos celebrado anualmente pelos Judeus no festival da vitória (Purim). (Reed:95)

Assim, o declínio do gueto durante o século da emancipação, foi um rude golpe para o poder Talmúdico, que, não fosse o espírito de gueto desintegrar-se totalmente, encontrou no Sionismo o novo método designado para re-encurrular as comunidades. (Reed: 96)

## Maldições e excomunhões

Nomeando um Marrano Português chamado Uriel da Costa como exemplo do mecanismo de excomunhão Judaico<sup>21</sup>, Reed afirma que a “Grande Exclusão” (the “Great Ban”) era, com efeito, uma sentença de morte, invocando para a vítima as maldições enumeradas no Deuteronómio, citando a propósito um artigo sobre “maldições” (“cursing”) patente na *Jewish Encyclopaedia* que diz que “uma maldição proferida por um erudito é infalível mesmo que imerecida...e que por vezes estes amaldiçoavam através de um olhar fixo e zangado, cuja consequência imediata era a morte ou a pobreza”. (Reed:99)

## Pilpulismo

Conceptualmente destacando o “pilpulismo” – “espécie de ginástica espiritual frequentemente praticada onde o intelecto humano, *ameaçado pela pressão do mundo exterior*, não encontra meio real de se exprimir criativamente” (Kastein in Reed:102) – enquanto dispositivo privilegiado de dissimulação, afirma o autor que o imperativo “destrói” forma a base da Lei Levítica, sendo a sua marca identitária: embora muitas outras palavras pudessem ter sido usadas, “destrói”, posta na boca de Deus, foi obviamente a escolha dos escribas, exactamente o tipo de perversão que Jesus considerou “ensinar como doutrina os mandamentos dos homens”. (Reed:106)

---

<sup>21</sup> Uriel da Costa publicou em Hamburgo, em 1616, sua *Tese contra a Tradição*, em que ataca “os Fariseus”, alegando serem as leis Talmúdicas sua criação e não terem qualquer origem divina. Este tratado era dedicado aos Judeus de Veneza, cujo rabbi, Leo Modena, baniu Uriel, ainda que seus papéis, encontrados à sua morte, mostrassem ter exactamente a mesma perspectiva que Uriel. Em 1624, Uriel voltou à escrita com *Teste da Tradição Farisaica Comparando-a com a Lei Escrita*. Os Talmudistas de Amesterdão, onde Uriel estava à altura, denunciaram-no aos tribunais Holandeses alegando ser seu tratado subversivo face à fé Cristã. Uriel suicidou-se em 1640. (cf. Reed:98-9)

Enquanto exemplos excomungados de nomeada, ver ainda as referências a Maimónides Espinoza e Mendelssohn. (Reed:100, 101)

## Advertidores

Enquanto exemplos antigos de críticos advertidores sobre a conduta Judaica, o autor considera os Romanos Fuscus, Ovídio, Persius, Cícero e Séneca (Reed:112), os Visigodos da Península Ibérica ao termo de sua vigência (Reed:113) e Abu Ishak de Elvira (Reed:114), sustentando, a propósito, que “o período Espanhol mostra, talvez mais claramente que qualquer outro, que o retrato Judaico da história pode estar mais próximo da verdade histórica que a narrativa de acordo com os Gentios, pois a conquista de Espanha certamente provou ser Judaica e não Moura”, alegando que a dominação Mourisca foi, no essencial, meramente formal (Reed:114); mais recentemente, Reed identifica Herder (1791) e Houston Stewart Chamberlain (1899) como advertidores sobre a conduta Judaica na linha dos antigos exemplos mencionados. (Reed:133)

## Cazares-Ashkenazi

Atendendo por sua vez aos Cazares, o autor identifica a primeira utilização do termo “Ashkenazi” na correspondência entre Hasdai ibn Shapnet - ministro de Abd arRahman - e o Rei José dos Cazares, cerca do ano 960 (Reed:117), adiantando que à sua conversão o Talmude estava completo e que mesmo após o colapso do reino, cerca do ano 1000, permaneceram sujeitos do governo Talmúdico<sup>22</sup>. (Reed:118) O directório rabínico Judaico orquestrou o uso dos Tártaros Judaizados da Rússia contra os Judeus emancipados do Ocidente e contra o Ocidente em si mesmo. A vida secreta dos Judeus

---

<sup>22</sup> «These savage people from the inmost recesses of Asia lived within the Talmud like any Babylonian or Cordovan Jew and for centuries "observed the Law" in order that they might "return" to a "promised land" of which their ancestors probably never heard, there to rule the world. In the Twentieth Century, when the politicians of the West were all agog with this project of the return, none of them had ever heard of the Khazars. Only the Arabs, whose lives and lands were directly at stake, knew of them, and vainly tried to inform the Peace Conference of 1919 and the United Nations in 1947.»

(Reed:118)

tornou a sua contagem impossível em todos os períodos, pelo que a falta de dados credíveis quanto a populações Judaicas permitiu há um século e permite hoje à seita dominante uma operação biológica de vulto: eis praticamente todos os Judeus transformados em Ashkenazim! (Reed:178)

Muitos anos depois do episódio de conversão em massa que produziu os Ashkenazi, a escolta secreta de Judeus Orientais através da Europa Ocidental foi revelada por um general Britânico, Sir Frederick Morgan, a quem o livro do General Einsenhower presta tributo pelo seu papel no planeamento da invasão da Normandia. Quando os combates terminaram, o General Morgan foi emprestado pelo British War Office à "UNRRA", a subsidiária das Nações Unidas supostamente encarregue de “aliviar e reabilitar” os sofrendores da guerra. Destes, o General Morgan foi encarregue dos mais desesperados (os “deslocados”) e percebeu que a "UNRRA", que custou muito dinheiro aos contribuintes Americanos e Britânicos, estava sendo usada como cobertura para o movimento massivo de Judeus da área oriental para a Palestina. Estas pessoas não eram “deslocados”. Seus países nativos tinham sido “libertados” pelos Exércitos Vermelhos e podiam lá viver, seu bem-estar assegurado pela lei especial contra o “anti-semitismo”. (...) Não foram “expulsos da Alemanha”, onde nunca viveram. Na verdade, em questão os Ostjuden, os Cazares, guiados pelos seus mestres Talmúdicos e para um propósito conspirativo para uma terra nova. (Reed:437)

### Napoleão

Num capítulo inteiramente dedicado a Napoleão, Reed expõe os esforços deste no sentido da resolução da “questão Judaica”, culminados na reedição do Sinédrio em Paris, em Fevereiro de 1807, em que este reconhece a extinção da nação Judaica e proclama a desadequação das leis Talmúdicas para a vida quotidiana, mantendo tão só a Tora enquanto lei de fé em devida subordinação à lei do estado. (Reed:129) Este Sinédrio promovido por Napoleão, porém, representou somente os Judeus da Europa, essencialmente Sefarditas, sendo que para a grande massa de “Judeus Orientais” do



centro Talmúdico as respostas dadas eram heréticas, eles sendo os efectivos guardiões das tradições dos Fariseus e dos Levitas. (Reed:130,131)

### Revolução permanente

Por sua vez, nas três revoluções – Inglesa, Francesa e Russa – vê Reed um cunho Judaico, que entende claro ao considerar que, nomeadamente, um dos primeiros actos da revolução Francesa foi a completa emancipação dos Judeus, como um dos primeiros actos da revolução Russa consistiu promulgar uma lei contra o “anti-semitismo”. (Reed:123) Para o autor, a revolução Francesa foi a revolução mundial em acção, não uma revolução em França, constituindo o resultado de um plano e de um trabalho de uma organização secreta revelado antes de ocorrer, que é o plano do Comunismo, a revolução permanente; em suma, a revolução Francesa de 1789 foi a ligação entre a revolução Inglesa de 1640 e a revolução Russa de 1917<sup>23</sup>. (Reed:134)

### Illuminati

Os actos mais característicos da revolução Francesa (regicídio e sacrilégio), embora repetindo a revolução Inglesa, não foram actos espontâneos de vingança cometidos no calor do momento mas acções deliberadamente simbólicas de um plano e de um propósito contínuo<sup>24</sup>, evidenciado em 1787 aquando da publicação pelo Governo Bávaro dos papéis - que havia apreendido no ano anterior - de Adam Weishaupt, da sociedade secreta dos “Illuminati”, revelando-se assim a matriz original da revolução

---

<sup>23</sup> A revolução, não a revolução Francesa; qualquer que seja a verdadeira natureza da Inglesa, desde 1789 só houve uma revolução, contínua. Não houve episódicas e desconexas erupções em 1848, 1905 e por aí fora, mas recorrentes manifestações do mesmo processo. O que é de grande valor histórico nos anais da revolução Francesa é a prova do uso de homens para um propósito por si não compreendido, que dá à revolução, então e agora, seu peculiar carácter satânico; nos termos de Lombard de Langres, “o código do inferno”. (Reed:151)

<sup>24</sup> "The appalling thing in the revolution is not the tumult but the design. Through all the fire and smoke we perceive the evidence of calculating organization. The Managers remain studiously concealed and masked but there is no doubt about their presence from the first". (Lord Acton *in* Reed:136)

mundial e da existência de uma organização poderosa com membros nos mais altos cargos. (Reed:138) Fundados a 1 de Maio de 1776 por Weishaupt, então reitor da faculdade de direito da Universidade de Ingolstadt (Reed:139), os Illuminati tinham como objectivos, segundo Henri Martin, “a abolição da propriedade, autoridade social e nacionalidade e o regresso da raça humana à feliz condição em que formava uma só família sem necessidades artificiais, escusadas ciências, cada pai sendo um pai ou magistrado...” (*in* Reed:140), a ideia original de Weishaupt sendo tornar a Adoração do Fogo a religião do Iluminismo. Entretanto, todavia, optou por anunciar que Jesus tinha tido uma “doutrina secreta” que podia ser encontrada nas entrelinhas dos Evangelhos e que consistia na abolição da religião e no estabelecimento em seu lugar da razão. (Reed:141)

A rede em questão estava centrada em Weishaupt, cujo diagrama é encabeçado pela seguinte frase: “temos que mostrar quão fácil seria para uma mente inteligente dirigir centenas e milhares de homens”. Por baixo, acrescenta o próprio, “imediatamente sob mim tenho dois homens a quem influo todo o meu espírito, cada um destes tendo sob si dois outros e assim sucessivamente. Deste modo, posso muito simplesmente fazer mover e acender mil homens de forma simples, esta a forma de operar politicamente”. (Reed:143)

Os jovens recrutados para a conspiração juravam num cerimonial bastante intimidatório que incluía um gozo significativo do sacramento Cristão. Era-lhes pedido que fornecessem um dossier sobre seus pais, listando suas “paixões dominantes” e espionando-os. Ambas estas ideias são, segundo Reed, básicas no Comunismo e uma sua fonte possível é a “Lei Mosaica”, onde a obrigação de denunciar parentes que incorram em suspeita de heresia e de colocar “uma guarda sobre minha guarda” está incluída nos “estatutos e julgamentos”. (Reed:144)

Apontando a magia negra e o satanismo como dois dos ingredientes do preparado Iluminista, Reed cita a definição que da primeira A. E. Waite estabeleceu: “para o propósito de evocação infernal...é requisito...profanar as cerimónias da religião à qual se pertence e pisar seus mais sagrados símbolos”. (A. E. Waite *in* Reed:146)

O plano para controlar a Maçonaria através de agentes Iluministas e o sucesso alcançado está claramente assente nos papéis de Weishaupt, que regista ter sucedido em obter uma visão profunda dos segredos dos Maçons e conhecer seu inteiro objectivo, na altura certa prevendo revelá-lo num dos mais altos graus (Reed:146): sob esta influência, a Maçonaria, que era muito forte em França, tomou um curso extremo e produziu os clubes Jacobinos (Reed:147), à morte de Weishaupt, em 1830, sua ordem estando, provavelmente, mais forte do que nunca e prestes a mudar de nome - a mesma organização, com os mesmos objectivos, iria emergir na década de 40 do século XIX enquanto Comunismo. (Reed:160)

Entretanto, no meio século que se seguiu à revelação da matriz para a revolução mundial e a sua erupção em França, os processos históricos Judaicos (of Jewry) e da revolução mundial não mais permaneceram separados ou distintos, mas convergiram. A contínua conspiração e “os Judeus” (no sentido da seita dominante) tornaram-se então idênticos. Desde meados do século XIX a revolução mundial esteve sob liderança Judaica. (Reed:164)

#### A raiz da controvérsia: Moloc vs. Deus

Citando Benjamin Disraeli no seguimento do Motim Índio de 1857<sup>25</sup>, Reed qualifica o Judaísmo Talmúdico como “a adoração de Moloc”, notando que toda a disputa entre a anciã Israel e a Judá dos Levitas girou em torno desta falsa divindade e de suas exigências e resolutamente considerando esta a raiz da controvérsia de Sião, há 3000 anos como agora, reflectida nas “duas mais significativas passagens do Antigo Testamento”: a alegação de Jeremias de que Deus nunca ordenou aos filhos de Israel “fazer passar seus filhos e filhas pelo fogo de Moloc...nem me passou pela mente que

---

<sup>25</sup> “Declaro sem a mínima hesitação minha humilde reprovação das pessoas de alta autoridade que anunciam que no standard Inglês se deve inscrever ‘vingança’ e não ‘justiça’...Protesto contra tratar atrocidades com atrocidades. Ouvi dizerem-se coisas e vi coisas escritas que quase me fariam supor que as opiniões religiosas do povo de Inglaterra mudaram de repente, que em vez de se curvarem ao nome de Jesus, estamos preparando para reviver a adoração de Moloc. Não passo acreditar que a indulgência face a tal espírito seja nosso dever.”

devessem incorrer em tal abominação, para fazer Judá pecar” e a resposta de Ezequiel que Deus deu a Israel estes “estatutos que não são bons” e o sacrifício do primogénito. (Reed:167)

Em resumo, o autor sublinha a sequência dos eventos: em 1772 a Polónia foi particionada e, depois de mais de 2500 anos, o “centro” do Governo Judaico “deixou de existir” (de acordo com o Dr. Kastein) ou tornou-se um governo Judaico secreto (como as autoridades Russas acreditavam). Em 1776 Adam Weishaupt fundou os Illuminati. Em 1846 Disraeli escreveu que “a revolução está-se desenvolvendo inteiramente sob auspícios Judaicos”. Em 1869 Michel Bakunin, o discípulo de Weishaupt, atacou os Judeus no movimento revolucionário. Em 1872 Bakunin foi expulso e o movimento Comunista unido emergiu sob Karl Marx (em 1917 produziu um governo Bolvechista quase exclusivamente Judaico).

Tal, afiança Reed, foi o resultado previsto por Disraeli da remoção dos entraves aos Judeus e de algumas décadas de emancipação Judaica, que não resultaram na mistura dos Judeus com os povos mas que deram “à mais formidável seita” (Bakunin dixit) liberdade para trabalhar no sentido da ruína desses povos via revolução. (Reed:173)

#### “Anti-semitismo” e a “Anti-Defamation League”

Durante o século XIX, como o Dr. Kastein, de novo citado, regista, nasceu o termo “anti-semitismo”. Como não mais se podia alegar “perseguição”, alguma nova palavra tinha que nascer que conseguisse intimidar os Gentios e aterrorizar os Judeus, o segundo propósito sendo mais importante que o primeiro. “Abracadabra” teria servido, pois que o termo “anti-semitismo” é patentemente absurdo em relação a pessoas que não são Semitas e cuja Lei ordena a extirpação de Semitas (os povos Árabes da Palestina; qualquer expressão de simpatia com os Semitas Árabes, expulsos de sua terra nativa pelos intrusos Sionistas em 1948, sendo atacada como “anti-semitismo”). (Reed:174)

Em 1913, a B'nai B'rith (Hebraico para "Filhos da Aliança"), fundada na América em 1843 como uma loja (lodge) fraternal exclusivamente para Judeus, criou uma pequena subsidiária intitulada "Anti-Defamation League" (Reed:243)

Quando a A.D.L. nasceu em 1913 tinha somente uma secretária no escritório da B'nai B'rith office e um orçamento minúsculo. Em 1933 o Sr. Bernard J. Brown escreveu que "Através da intervenção da A.D.L. conseguimos açaimar a imprensa não-Judaica, que se abstém de apontar que qualquer pessoa referida desfavoravelmente é Judeia". Em 1948 o *Jewish Menorah Journal of New York* escreveu que "face a uma frase que refira injustamente Judeus num clássico literário reeditado, a A.D.L. de pronto a massacrar (belabour) o editor inocente até este expurgar a passagem em questão. Deixem um produtor de cinema inocente incorporar um protótipo Judaico, mesmo que inofensivo, num seu filme, que a resposta da A.D.L. fá-lo-á querer nunca ter ouvido falar dos Judeus. Mas quando os Judeus são subtilmente sujeitos a propaganda Comunista...a A.D.L. permanece em silêncio..." <sup>26</sup> (Reed:341)

### *Enter Weizmann*

A remanescente massa de Judeus na Rússia (aqueles que viveram em guetos sob domínio Talmúdico) estava dividida em dois grupos por uma linha vertical que dividiu

---

<sup>26</sup> The A.D.L. (and the American Jewish Committee) "set out to make the American people aware of anti-semitism". It informed Jews that "25 out of every 100 Americans are infected with anti-semitism", and that another 50 might develop the disease. By 1945 it was carrying out "a high-powered educational program, geared to reach every man, woman and child" in America through the press, radio, advertising, children's comic books and school books, lectures, films, "churches" and trade unions. This programme included "219 broadcasts a day", full-page advertisements in 397 newspapers, poster advertizing in 130 cities, and "persuasions" subtly incorporated in the printed matter on blotters, matchbox covers, and envelopes. The entire national press ("1900 dailies with a 43,000,000 circulation") and the provincial, Negro, foreign-language and labour newspapers were kept supplied with, "and used", its material in the form of "news, background material, cartoons and comic strips". In addition, the A.D.L. in 1945 distributed "more than 330,000 copies of important books carrying our message to libraries and other institutions", furnished authors with "material and complete ideas", and circulated nine million pamphlets "all tailored to fit the audiences to which they are directed". It found "comic books" to be a particularly effective way of reaching the minds of young people, soldiers, sailors and airmen, and circulated "millions of copies" of propaganda in this form. Its organization consisted of the national headquarters, public relations committees in 150 cities, eleven regional offices, and "2,000 key men in 1,000 cities". (Reed:344)

casas e famílias, incluindo a casa e a família do Dr. Weizmann. Ambos os grupos eram revolucionários, ou seja, concordavam em trabalhar para a destruição da Rússia. O grupo “revolucionário-Comunista” defendia que total “emancipação” seria alcançada quando a revolução mundial suplantasse os estados-nação em todo o lado. O grupo “revolucionário-Sionista”, embora concordando que a revolução mundial era indispensável para o processo, defendia que a total “emancipação” só seria alcançada quando a nação Judaica fosse estabelecida num estado Judaico. (Reed:194)

Em 1896, Theodor Herzl publica “The Jewish State” e no ano seguinte ocorre o primeiro “congresso Sionista” em Basileia, começando por desenhar-se a “plataforma Sionista”<sup>27</sup> que, ainda sob a égide de Herzl, em 1903 e aquando do Sexto Congresso da Organização Sionista Mundial, vota [295 delegados a favor, 175 contra (a maior parte de Judeus da Rússia)] a oferta Britânica do Uganda. (Reed:206) Esta, contudo e do ponto de vista do rabinato Talmúdico da Rússia, seria o fim, seguindo-se a “misteriosa morte de Herzl” e a revogação, coordenada por Chaim Weizmann no Sétimo Congresso, em 1905, da prévia aceitação da oferta do Uganda, apesar de, nomeadamente, os Judeus ao tempo presentes na Palestina lhe serem favoráveis. (Reed:207-8)

### O Sr. House e os bastidores da Nova Ordem Mundial

Entre a “escolha” secreta do Sr. Wilson pelo Sr. House<sup>28</sup> em 1910 e a sua nomeação pública para presidente em 1912, Wilson foi preparado (prompted) para prestar obediência pública ao Sionismo; por esta altura o povo Americano passou a estar implicado, como o povo Britânico ficou de facto comprometido pela oferta do Uganda em 1903. O Sr. Wilson, sob treino para a campanha, fez um discurso sobre “Os direitos dos Judeus” no qual disse: “Não estou aqui para expressar nossa simpatia com

---

<sup>27</sup> v. <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Zionism/firstcong.html>

<sup>28</sup> Edward Mandell House, popularmente conhecido como Coronel House, figura maior dos bastidores da política Americana da altura. (Reed:231)

nossos concidadãos Judaicos mas para tornar evidente nosso sentido de identidade com eles. Isto não é a sua causa; é a da América”. (Reed:240)

O que era militarismo Prussiano reaccionário na Alemanha era uma das “ideias avançadas” do Sr. House em Washington; o que era uma ambição megalómana no Kaiser era um conceito iluminado de uma “nova ordem mundial” em Londres. (Reed:283) Já em 1916, o Sr. House instruiu o Sr. Wilson e em Maio o presidente anunciou publicamente seu apoio ao “plano” num encontro de um novo corpo candidamente apelidado de “Liga para a Aplicação da Paz” ("The League To Enforce Peace"). (Reed:284)

Efectivamente, o Presidente Wilson estava comprometido antes ainda do momento crucial e aquando do envolvimento Americano na guerra (Abril de 1917) anunciou estar envolvido na preparação de uma “nova ordem internacional”, declaração produzida no momento da primeira revolução na Rússia e na altura da preparação da Declaração de Balfour. (Reed:284,5; sobre Balfour e sua Declaração, v. Reed:224-230)

### 1ª Guerra Mundial e a diversão do esforço de guerra para a Palestina: cronologia

Os dois anos de guerra em que o Sr. Lloyd George liderou a Inglaterra foram portentosos nos seus efeitos no presente: a 7 de Março de 1918 deu ordens para uma “campanha decisiva” para conquistar toda a Palestina; a 21 de Março de 1918 iniciou-se o há muito esperado ataque Alemão a França, implicando todos os homens, armas e aviação liberados da frente Russa, pelo que a “campanha decisiva” na Palestina foi imediatamente suspensa e todo o homem que pôde sair de lá foi encaminhado para França. O número total de homens empregue na Palestina foi de 1.192.511 até Outubro de 1918 (General Robertson). A 27 de Março de 1918, o Coronel Repington escreveu: “esta é a pior derrota na história do exército”. A 6 de Junho os Alemães reclamaram 175000 prisioneiros e mais de 2000 armas. (Reed:259)

A 4 de Janeiro de 1917 o Sr. Wilson informou o Sr. House que “Não haverá guerra. Este país não pretende envolver-se na guerra”, alegando que tal “seria um crime contra a civilização”. Seguramente passada a inauguração, porém, a 20 de Janeiro de 1917 o Rabbi Stephen Wise informou o presidente de uma mudança de ideias, estando “convencido que o tempo chegou para o povo Americano entender que pode ser nosso destino tomar parte na contenda”. Em seu diário a 12 de Fevereiro de 1917, o Sr. House confidenciou estar a guerra iminente, quão rapidamente quanto esperava. A 27 de Março de 1917 o Presidente Wilson perguntou ao Sr. House “se devia pedir ao Congresso para declarar guerra ou se devia dizer que existia um estado de guerra”, recomendando o Sr. House a segunda opção. A declaração de um estado de guerra feita ao Congresso alegou ser o propósito da contenda “erigir uma nova ordem internacional”. Para as massas tais palavras significavam qualquer coisa ou nada de todo. Para os iniciados comportavam um compromisso em suportar o plano, do qual tanto o Sionismo como o Comunismo foram instrumentos, de estabelecer uma “federação mundial” fundada na força e na obliteração da nacionalidade (nationhood), com a excepção de uma “nação” a ser recriada. (Reed:263, 264)

#### O desígnio protector(ado)

Prevendo com exactidão em 1915 o que se passaria em 1919 e nas duas décadas seguintes, o Dr. Weizmann considerou que um “protectorado” Britânico devia ser estabelecido na Palestina, tal significando que “os Judeus tomariam conta do território e assegurariam todos os encargos da organização, mas durante os próximos dez ou quinze anos operariam sob um protectorado Britânico temporário”. (Reed:265) Apesar da oposição da Associação Anglo-Judaica Britânica<sup>29</sup> e do “acordo Sykes-Picot”<sup>30</sup>, não

---

<sup>29</sup> Em 1915, em Inglaterra, a Associação Anglo-Judaica, através do seu Comité Conjunto, declarou que “os Sionistas não consideram a emancipação civil e política como um factor suficientemente importante para vencer a perseguição e a opressão dos Judeus e pensam que tal vitória só pode ser alcançada pelo estabelecimento de uma casa legalmente assegurada para o povo Judaico. O Comité Conjunto considera os postulados ‘nacionais’ dos Sionistas e os privilégios especiais para Judeus na Palestina como perigosos



obstante estarem os factos, na altura, disponíveis<sup>31</sup>, “eleição” e “governo responsável” são já termos desprovidos de significado, prestando os líderes de todos os partidos, antes das eleições, vassalagem (obeisance) ao Sionismo, a selecção do eleitor do presidente, primeiro ministro ou partido não fazendo qualquer diferença efectiva<sup>32</sup>. (Reed:270)

No rescaldo da 1ª Guerra Mundial, o Dr. Weizmann liderou uma delegação à Conferência da Paz de 1919 em que a “nova ordem mundial” se prepararia, informando o augusto Concelho dos Dez de que “os Judeus foram mais abalados pela guerra do que qualquer outro grupo”. Apesar de uma tentativa “protestante” de última hora<sup>33</sup> e do papel que no terreno desempenharam “mártires” como Lawrence da Arábia (v.

---

e provocadores de anti-semitismo. O Comité não pode discutir a questão de um Protectorado Britânico com uma organização internacional que inclui distintos e mesmo inimigos elementos”. (Reed:267)

<sup>30</sup> Ainda faltava derrotar a Turquia pelo que os governos Francês e Britânico, cujos homens de armas estavam na liça, desejavam ganhar os Árabes, com eles fazendo o “acordo Sykes-Picot”, que previa uma confederação independente de Estados Árabes e uma administração internacional para a Palestina. Quando soube disto, o Dr. Weizmann percebeu que não poderia haver estado Sionista se a Palestina estivesse sob controlo internacional, necessária sendo a exclusiva “protecção” Britânica. Devidamente pressionado, a denúncia de “tratados secretos” pelo Presidente Wilson visou inteiramente os Árabes da Palestina e suas esperanças futuras. (Reed:266, 267)

<sup>31</sup> O Papel Branco (1919) do Governo Britânico (Russia, nº1, a Collection of Reports on Bolshevism) cita o relatório enviado ao Sr. Balfour em Londres em 1918 pelo Ministro Holandês em S. Petersburgo, M. Oudendyke: “O Bolchevismo é organizado e operado por Judeus que não têm nacionalidade e cujo único objectivo é destruir a ordem existente das coisas para servir seus próprios fins”. Segundo o Embaixador do Estados Unidos, Sr. David R. Francis, “os líderes Bolcheviques aqui, a maior parte dos quais são Judeus, 90% dos quais são retornados do exílio, importam-se pouco com a Rússia ou com qualquer outro país, sendo internacionalistas intentando começar uma revolução social mundial”. O relatório de M. Oudendyke foi apagado de edições posteriores da publicação Britânica oficial... (Reed:273)

<sup>32</sup> Obama sendo tão só e logicamente mais um dos fiéis tributários Sionistas, como atesta esta sua declaração - do alto da tribuna da AIPAC - numa altura em que era candidato à nomeação do seu Partido para concorrer às Presidenciais que viria a ganhar: "We must preserve our total commitment to our unique defense relationship with Israel by fully funding military assistance and continuing work on the Arrow and related missile defense programs" (<http://www.haaretz.com/news/in-aipac-speech-obama-repeats-support-for-israel-peace-talks-1.214504>)

<sup>33</sup> Um protestante (remonstrant) Judeu, Sr. Sylvain Levi, de França, tentou, no último momento, instilar alguma prudência, dizendo[-lhes] que a Palestina era uma pequena e pobre terra com uma população de 600000 Árabes, sendo que os Judeus, tendo um *standard* de vida mais elevado que os Árabes, tenderiam a desalojá-los; que os Judeus que iriam para a Palestina seriam sobretudo Judeus Russos, de tendências explosivas; que a criação de uma morada nacional Judaica na Palestina introduziria o perigoso princípio das lealdades duais Judaicas. (Reed:287)

Reed:288), a autoridade da emergente “Liga das Nações” foi usada para cobrir o uso de tropas Britânicas como guarda dos Sionistas tentando capturar a Palestina. O dispositivo usado para dar um ar de legalidade a tal feito foi apelidado de “mandato”, esta sendo a grande e duradoura conquista da “nova ordem mundial” promulgada em 1919, podendo a autoria da “ideia” ser julgada pelo teste antigo “Cui bono?”. (Reed:290)

No contexto do desmembramento do Império Turco que toma lugar em 1920, na Conferência de San Remo, esta engenhosa decepção de Weizmann (1915) – “o mandato” (Reed:291) – é adotada, em 1922 sendo por Balfour declarada sob protestos de: (1) Árabes Palestinos; (2) Judeus Palestinos; (3) principal líder Sionista na América, bem como os Judeus anti-Sionistas da América e de Inglaterra; (4) oficiais e soldados Britânicos na Palestina; (5) investigadores oficiais Britânicos e Americanos; (6) grande parte da imprensa, então ainda livre de controlo oculto nesta matéria. (v. Reed:292-7)

Dez anos depois do “Mandato” ter sido impingido ao povo Britânico a pretensão era que uma “Morada Judaica Nacional” na Palestina, sob sua protecção, seria tão só “um centro cultural” do Judaísmo, inofensivo para os Árabes, uma Meca Judaísta com universidades, bibliotecas e aldeias-quinta. (Reed:303) Em dez anos, porém e contrariando as expectativas Sionistas, a população Judaica aumentou menos de cem mil imigrantes. Em 1927 partiram mais três mil imigrantes do que chegaram. Um pequeno recrudescer seguiu-se em 1928 mas o êxodo anual médio da Palestina foi, até 1932, quase um terço da imigração. (Reed:306)

#### Ascensão de Hitler e a expansão da revolução-mundial

Em nome próprio, Reed afirma: «Desde 1927 reporte a ascensão de Hitler, estando por acaso passando pelo Reichstag quando este ardeu em 1933. Este evento (usado para instaurar o sistema polícia-secreta-e-campo-de-concentração na Alemanha de modelo Bolchevique) cimentou Hitler no poder. (...) Seu verdadeiro significado foi a

expansão da área de ocupação da revolução-mundial para o centro da Europa, a actual transferência para propriedade Comunista apenas confirmando um facto já estabelecido (disfarçado das massas pelo antagonismo encenado (bogos) entre Nacional Socialismo e Comunismo) que a guerra, no seu início, supostamente pretendia reverter. A única questão genuína que o futuro tem ainda que responder é se a revolução-mundial será repelida ou se se espalhará para Ocidente da posição que, efectivamente, ocupou na noite de 27 de Fevereiro de 1933.» (Reed:307)

Relacionando a ascensão Nazi com o vazio deixado pelo colapso em 1917 da “perseguição de Judeus na Rússia”, Reed considera, em termos noticiosos, “três estágios subtis” no caso da “perseguição Judaica” na Alemanha: primeiramente, registou-se a perseguição de “opponentes políticos e Judeus”; depois, “Judeus e oponentes políticos”; por fim, “perseguição de Judeus”. (Reed:309)

### Segunda Guerra Mundial

De volta à Palestina, 1938 foi o ano mais sangrento até à altura, contando-se 1500 Árabes mortos. A Comissão Peel recomendou então a partição mas não sugeriu como. A Comissão Woodhead, em Outubro de 1938, reportou não conseguir desenhar um plano prático, o homicídio de Herr von Rath em Novembro e as desordens anti-Judaicas que se lhe seguiram na Alemanha tendo sido usados pelos Sionistas para intensificar seus incitamentos contra os Árabes na Palestina. Nisto, o Sr. Chamberlain convoca uma conferência sobre a Palestina em Londres em que pela primeira vez desde a Conferência de Paz de 1919 os Árabes são representados. Desta conferência emerge o Papel Branco de Março de 1939 no qual o governo Britânico se compromete com o “estabelecimento a dez anos de um estado Palestiniano independente” e com o “termo do Mandato”. Neste estado os Árabes nativos e os imigrantes Sionistas partilhariam o governo de forma tal a salvaguardar os interesses de cada comunidade, sendo a imigração Judaica limitada a 75000 anualmente durante cinco anos e as irrevogáveis compras de terra restringidas. (Reed:329)

Neste momento, na cena política Britânica entra o Sr. Winston Churchill (Reed:330,331), que se tornou primeiro-ministro a 10 de Maio de 1940, aquando do colapso da França, a ilha Britânica defendida apenas pelo remanescente de suas forças aéreas e marinha. A 23 de Maio instruiu o seu Secretário Colonial, Lorde Lloyd, a retirar as tropas Britânicas da Palestina, devendo “os Judeus ser armados para sua própria defesa e organizados apropriadamente tão depressa quanto possível”. Repetiu a ordem a 29 de Maio (enquanto a evacuação de Dunkirk se processava) e a 2 de Junho. A 6 de Junho, queixou-se da oposição militar e no fim do mês de “dificuldades” com dois ministros responsáveis, particularmente Lorde Lloyd. (Reed:334)

Entretanto, durante quatro ou cinco anos houve uma transferência ilimitada dos intermediários da guerra, recursos para uso industrial pós-guerra e de riqueza em diversas formas para o estado revolucionário<sup>34</sup>, banida a “re-discussão” desta política ao mais alto nível. (...) O esforço de dirigir todas as operações militares no sentido de favorecer o estado revolucionário que em cumplicidade com Hitler começou a guerra através do ataque conjunto à Polónia, começou pouco depois de Pearl Harbour, sendo o papel principal neste processo protagonizado pela «mais enigmática figura da Segunda Guerra», o General George C. Marshall, Chefe do Staff do Exército dos Estados Unidos. (Reed:366)

Do “plano Morgenthau”<sup>35</sup> (Reed:371) à “agonia Polaca” (Reed:375), da afirmação de Roosevelt e Estaline enquanto Sionistas (Reed:378) ao questionamento dos números

---

<sup>34</sup> Of "aeroplanes and tanks" 15,000 and 7,000, respectively, were donated. A navy of 581 vessels was also given (over many years 127 of these were returned and in 1956 the Soviet offered to pay for 31; the remaining ships, over 300, were declared to have been lost, sunk or declared unseaworthy). A merchant fleet was also presented. (Reed:362)

<sup>35</sup> «(...) the war, which could have been ended (probably in 1944) by the Allied liberation of the countries overrun by Hitler, leaving the Soviet state within the natural Russian boundaries or a little more, and Europe in balance, dragged on through 1944 into 1945; while the German armies in Italy were given respite and the wasteful invasion of Southern France lent no impetus to the main invasion of Normandy. The shape which the war took in its last ten months then was that dictated by the Soviet Government and superimposed on Western military strategy through its agent in the American Government, the man known as Harry Dexter White. Being dead, he cannot testify, but he is commonly held by the best authorities known to me to have been the author of the plan, for the destruction of Germany and the abandonment of Europe to Soviet "domination", which is known to posterity as the "Morgenthau plan".»

oficiais<sup>36</sup> (Reed:397-9), Reed afirma que a vingança Talmúdica foi o começo da nova era na história do Ocidente, durante a qual todas as considerações nacionais se subordinaram à causa da nação (nationhood) Judaica representada pelos Talmudistas da Rússia. (Reed:401)

### Campos de concentração

No que concerne aos campos de concentração “Nazis”, ao tempo em que os exércitos Anglo-Americanos entraram na Alemanha, estavam predominantemente sob controlo Comunista, entre os guardas encontrando-se Judeus; mais que o anti-Hitlerismo, o anti-Comunismo constituía qualificação segura para a câmara da morte, o carácter quase-paritário de ambas as ideologias sendo ilustrado pelo autor com uma citação de Hermann Rauschning - que afirma que todo o Nacional-Socialismo se baseia no Marxismo (Reed:406) – e com uma descrição do “Sr. Odo Nansen, filho do famoso explorador Norueguês”, que descreveu a sua experiência no campo de Sachsenhausen dezoito meses antes da guerra acabar.<sup>37</sup>

Os foragidos do “mundo livre” eram remetidos de volta pelos exércitos Aliados para a escravidão Comunista; da área Comunista (onde um homem nem sequer podia deixar sua cidade sem permissão da polícia) uma grande massa de Judeus de Leste emergiu livremente e foi guiada sob escolta Aliada através da Europa rumo à Palestina. Segundo Reed, este processo de duas vias deu à vingança sua estampa final, apontados

---

<sup>36</sup> Qualquer que fosse o número de Judeus nos países conquistados por Hitler, o número de vítimas foi aproximadamente em proporção à total população atacada, Polaca, Checa e outra. (Reed:400)

<sup>37</sup> “É extraordinário como os Comunistas orientaram as coisas; têm todo o poder no campo seguindo-se às SS, atraindo os outros Comunistas, de outros países e colocando-os em lugares chave...Muitos dos prisioneiros Noruegueses aqui tornaram-se Comunistas. Além de todas as vantagens imediatas que oferece, esperam sobretudo que a Rússia seja o grande poder a seguir à guerra, então creio que eles pensem que irá dar jeito estar do lado certo. Ontem à noite estava falando com nosso *Blockaeltester*, um Comunista. Quando ele e seus camaradas chegaram ao poder, não haverá mera retaliação mas ainda mais brutalidade e maior crueldade do que as que as SS usam connosco. Nada consegui fazer com o meu humanismo contra tal bloco gelado de ódio e vingança focado numa nova ditadura.” (Reed:409)

o *South African Jewish Times* de 4 de Fevereiro de 1949 ou o *Saturday Evening Post* de 11 de Abril de 1953<sup>38</sup> como elucidativas e exemplares fontes. (Reed:413-4)

### Ária Comunista, Voz Judaica

Na Alemanha o movimento Comunista era então encabeçado pela "Spartacus League" ("Spartacus" era o nome de código de Adam Weishaupt), liderada quase inteiramente por Judeus: Rosa Luxemburgo, Leo Jogiches (da Polónia), Paul Lévi, Eugene Levine (da Rússia) e Karl Liebknecht. O Governo Bolchevique da Bavária (que contava com Adolfo Hitler entre os seus soldados) era também liderado por Judeus: Kurt Eisner, Ernst Toller and Eugene Levine. Na Hungria, os principais líderes terroristas eram todos Judeus treinados na Rússia: Matyas Rakosi, Bela Kun, Erno Geroe e Tibor Szamuely. (Reed:416)

Se em 1920 declarações oficiais Bolcheviques evidenciam que entre os 545 membros dos corpos dominantes pontuavam 447 Judeus (Reed:417), já em 1953 a revista *Time* de Nova Iorque menciona o "fortemente Judaico" (90% no topo hierárquico) elenco do governo do Primeiro-Ministro Comunista Matyas Rakosi, ele próprio um Judeu. (Reed:421)

1948

A situação mudou completamente entre 19 de Março de 1948, quando o Governo Americano decidiu que a partição era "impraticável" ("unworkable") e reverteu sua política e 9 de Abril de 1948, quando o terrorismo efectuou a partição. (Reed:450)

---

<sup>38</sup> «Com este encontro vergonhoso [Yalta] a autoridade dos agentes da MVD Soviética abateu-se sobre os indivíduos desalojados do campo depois da guerra e incidiu sobre milhares que haviam conseguido escapar à tirania Soviética. Estas vítimas miseráveis eram amontoadas e conduzidas de volta à morte, tortura ou lento homicídio das minas e florestas Siberianas. Muitos mataram-se a caminho. Também sob o acordo de Yalta, aos Soviéticos foi permitido o uso de prisioneiros Alemães em trabalhos forçados como 'reparação' ('reparations account'). Para tal conduta desumana não há desculpa.» (Reed:413)

A 13 de Maio de 1948, o Dr. Weizmann viu o Presidente Truman; a disputa das nomeações presidenciais distava tão só alguns meses, pelo que este era o momento ideal para aplicar “pressão irresistível”. O Dr. Weizmann informou o Presidente Truman que o mandato Britânico terminaria a 15 de Maio e que um governo provisório tomaria entretanto o controlo do “estado Judaico”. Urgiu que os Estados Unidos o reconhecessem “prontamente” e o Presidente agiu com zelosa alacridade.

A 14 de Maio (tempo Palestiniano) os Sionistas em Tel Avive proclamaram seu novo estado. Alguns minutos depois, “notícias não oficiais” chegaram a Lake Success de que o Presidente Truman o tinha reconhecido. Os delegados Americanos (que não foram informados) “estavam incrédulos”, mas, “depois de muita confusão”, contactaram a Casa Branca e receberam instruções do Dr. Weizmann transmitidas através do Presidente. Prontamente o Dr. Weizmann rumou a Washington como Presidente do novo estado, sendo recebido pelo Presidente Truman, que logo declara o momento do reconhecimento como o de maior orgulho de sua vida.

Oito anos depois, em suas memórias, o Presidente Truman descreve o período de meio ano (do “voto da partição” em Novembro de 1947 ao “reconhecimento” em Abril de 1948) dizendo: “O Dr. Chaim Weizmann. . .telefonou-me a 19 de Novembro e uns dias depois recebi uma carta dele”. Citando esta missiva, datada de 27 de Novembro, o Sr. Truman diz que nela o Dr. Weizmann refere “rumores” de que o “nosso povo exerceu indevida e excessiva pressão em certas” (Nações Unidas) “delegações” e, falando por si, diz que “não há substância em tal acusação”. O Sr. Truman comenta que “Os factos são que não só tais movimentos pressionantes em torno das Nações Unidas foram tais como nunca se havia visto, como também a Casa Branca foi sujeita a uma constante barragem. Penso que nunca tive tanta pressão e propaganda apontada à Casa Branca como nesta instância. A persistência de alguns dos mais extremos líderes Sionistas – de motivos políticos e constando de ameaças políticas – incomodou-me e aborreceu-me. Alguns sugeriram mesmo que pressionássemos nações soberanas a votar favoravelmente na Assembleia Geral. (Reed:451)

Quando os Domínios Britânicos se seguiram ao Sr. Truman e ao Generalíssimo Estaline, os estados mais pequenos precipitaram-se a “reconhecer”, não podendo contemporizar quando os maiores se apressaram, pelo que o “estado Judaico” tomou forma “de facto”, o facto sendo o massacre em Deir Yasin. (Reed:456)

A 5 de Agosto de 1948, o New York Herald-Tribune afirma o apoio militar da Rússia a Israel, nomeando as armas Checas como desempenhando um “papel vital” no contexto Israelita. (Reed:459)

A 16 de Setembro de 1948, o Conde Falke Bernadotte, Sueco, mediador das Nações Unidas propõe um Negev árabe, administração internacional para Jerusalém e o direito de retorno árabe; 24h depois, é assassinado. (Reed:460,461)

### Conclusões

«As poucas vozes de advertência ainda se levantando, como Jeremias no passado, são praticamente todas de Judeus. Não é que os escritores não-Judeus estejam pior informados, tenham vistas curtas ou sejam menos corajosos; de há muito é a regra não escrita que os objectores Judeus podem ser ouvidos dentro de certos limites, mas as objecções de não-Judeus não podem ser toleradas. Na condição da imprensa Ocidental de hoje, no terceiro quartel do século XX, esta regra é aplicada praticamente sem excepção.» (Reed:486)

«O tipo de histeria Judaico-Americano está inteiramente desfasado da realidade da vida Judaico-Americana. É completamente artificial, manufacturado pelos líderes Sionistas e instilado por um exército de propagandistas pagos em pessoas que não têm razões para histerias como meio de pressão política e de estimulação de reunião de fundos...» (William Zukerman, Time, 28 de Novembro de 1955 –in Reed:491)



Citando um delegado Sírio às Nações Unidas: de 1948 a 1956, 1500 milhões de dólares transferidos dos E.U.A. para Israel.<sup>39</sup> (Reed:514)

A “opinião” hoje é um produto manufacturado e pode ser produzida de qualquer forma intentada. O que foi muito mais importante e não deve ser desconsiderado foi que o Presidente Eisenhower foi evidentemente seleccionado, nomeado e com efeito eleito pelo grupo “internacionalista” que dominou os Presidentes Wilson, Roosevelt e Truman – e que a política de estado Americana, sob esta direcção, suportou sempre a revolução e em momentos de crise adoptou uma natureza anti-Britânica. A última ambição “internacionalista” é o projecto de governo mundial a alcançar através das forças destrutivas do Comunismo e do Sionismo revolucionários, mantendo a divisão dos dois grandes países de língua Inglesa de ambos os lados do Atlântico, pois só através desta divisão o Império pode ser realizado. Esta ambição dominou a Segunda Guerra Mundial. (Reed:562-3)

Log\ {links citados em rodapé}

Cook, Jonathan. Israel and the Clash of Civilisations. Pluto Press. 2008

Franck e Herszlikowicz. O Sionismo. Publicações Europa-América. [1980]

Reed, Douglas. The Controversy of Zion. Dolphin Press. Durban. 1978<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> V. estimativa 1948-2008 em <http://wrmea.org/component/content/article/245-2008-november/3845-congress-watch-a-conservative-estimate-of-total-direct-us-aid-to-israel-almost-114-billion.html>

<sup>40</sup> Em linha em: <http://knud.eriksen.adr.dk/Controversybook/>